

A busca por um local? Uma literatura sem lugar definido no contexto brasileiro *

*Gerson Roberto Neumann ***

Resumo

O presente artigo propõe analisar uma produção literária que dificilmente pode ser classificada em uma literatura nacional. Trata-se da literatura produzida e publicada em língua alemã no Brasil. A temática dessa literatura gira em torno da relação de imigrantes alemães que buscam no Brasil uma nova forma de vida. No entanto, ela não é incluída na Literatura Brasileira nem na Literatura Alemã. Trata-se, portanto, de uma literatura sem local, uma literatura entre dois contextos. A partir de leituras e discussões de teorias alemãs e brasileiras, entre outras, quer-se discutir a questão para tentar trazer essa produção literária a um local.

Palavras-chave

Literatura brasileira; literatura alemã; não-local

Abstract

The present paper aims at analyzing a literature that can't be defined as belonging solely to a national literature. It is about the literature produced and published in German in Brazil. The topics covered in this production focus on the Brazil-Germany relation, but concentrate more on the life of Germans in Brazilian lands. This literature, however, is neither included in the Brazilian literature nor in the German one, floating in a non-place. Based on the reading of German and Brazilian theorists, a discussion around this issue will be carried out.

Keywords

Brazilian literature; German literature; non-place.

* Artigo recebido em 18/09/2011 e aprovado em 16/11/2011.

** Doutor em Letras. Professor Adjunto no Instituto de Letras, Departamento de Línguas Modernas, Setor de Alemão da UFRGS.

Introdução¹

A importância do local da literatura tem tido cada vez mais espaço nas discussões da Literatura Comparada. Associadas a essa discussão estão, de modo mais direto, as questões relativas à identidade nos seus mais variados desdobramentos. Das discussões acerca do assunto no ambiente literário alemão, citamos a obra *Literaturen ohne festen Wohnsitz* [Literaturas sem residência fixa], título do livro do estudioso alemão Ottmar Ette, romanista da Universidade de Potsdam, que motiva a presente proposta, resultado de longo tempo de pesquisas. O referido teórico trabalha, entre outros temas, a “Literatura em movimento” e o “Saber Sobre(-)viver”, sempre na tentativa de refletir expressões literárias em meio a transições e buscas por aceitação, em luta contra preconceitos de todas as formas.

Dialogaremos com a obra crítica de Ette, mas também será inserida na discussão a obra “O local da Cultura”, de Homi Bhabha, principalmente quando se aborda o “estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo.” Além disso, será importante dialogar com Stuart Hall, quando este fala “Da diáspora. Identidades e Mediações culturais”.

Muito importante, contudo, também será o diálogo com a obra de Celeste H. M. Ribeiro de Souza (USP), pela sua trajetória na pesquisa em torno da “imagem do outro” nas relações literárias Brasil-Alemanha. Ribeiro de Souza também é coordenadora do grupo de pesquisa “Relações lingüísticas e literárias Brasil-Alemanha” (RELLIBRA), do qual participamos e a partir do qual se elabora a presente reflexão. O referido projeto tem por objetivo tornar “mais” acessíveis justamente as obras que compõem essa literatura sem identidade definida, que pretendemos apresentar e discutir neste momento.

Tendo como base teórica as reflexões dos teóricos acima apresentados, pretende-se discutir uma expressão literária existente no Brasil que ainda não conseguiu delimitar seu espaço. Trata-se da literatura produzida por imigrantes alemães no Brasil, uma literatura praticamente desconhecida do público leitor brasileiro, uma literatura que

¹ O local da literatura é tema de reflexões desenvolvidas há algum tempo. Neste ano foram apresentados os primeiros resultados em encontros, simpósios e congressos, tendo sido publicado no primeiro semestre de 2011 um texto, resultado da discussão em um congresso na UFRGS. Ver <http://seer.ufrgs.br/contingentia/issue/current> Também em 2011, o tema foi discutido em um seminário na PUCRS. O texto que resultou dessa discussão, também em torno do tema, ainda não foi publicado. Reunindo as reflexões resultantes dessas discussões ao longo do ano, pretende-se apresentar aqui, na Revista Antares, o resultado dessas importantes discussões, sem, no entanto, fechar a atividade em torno do tema.

permanece guardada em acervos e arquivos por ter sido publicada basicamente em jornais e almanaques e, principalmente, em língua alemã.

Portanto, esta literatura não é reconhecida como brasileira por ser basicamente publicada em língua alemã, e é dirigida a um público leitor reduzido, porém brasileiro, falante de língua alemã. Apesar de escrita em língua alemã, os temas dessa produção geralmente giram em torno da vida das pessoas ligadas a esse contexto em solo brasileiro. Isso, por sua vez, faz com que a produção, publicada aqui a partir da segunda metade do século XIX, não seja reconhecida como alemã. Acrescente-se que essa literatura aos poucos assume termos da língua local, o que a distancia ainda mais da Alemanha, já distante geograficamente.

É importante que se ressalte que não se trata de uma produção de imigrantes de parca instrução e pouca experiência literária (e sendo, já figuraria como preconceito), mas de autores com formação superior. Como exemplo, citemos Georg Knoll (estudou Botânica em Geisenheim); Paul Aldinger (Doutorado em Filosofia); Wilhelm Rotermund (Doutorado em Filosofia em Jena) e entre eles, talvez o mais conhecido no Brasil, Karl von Koseritz, não realizou estudos em nível superior, mas realizou expressivo trabalho cultural no Brasil. Este último talvez seja o mais conhecido entre os autores que compõem a literatura aqui em questão.

No momento em se que buscam respostas relativas à homogeneização cultural e quando se pensa sobre questões identitárias, cabe sempre lançar um olhar ao passado, que muitas vezes está bem próximo. Nesse sentido, quando os contatos entre as culturas se tornam cada vez mais estreitos e as distâncias diminuem, as identidades tornam-se mais fluidas e móveis, cabe refletir sobre a pluralidade de línguas nas expressões literárias ou então em literaturas sem lugar definido, expressões literárias que não podem ser fixadas em um determinado local ou a uma determinada língua. Essa reflexão será aqui nosso objeto.

A literatura de um grupo em questão

Quando se fala da literatura produzida por um grupo imigrante em um país, costuma-se usar os adjetivos pátrios referentes às origens desses grupos. Nomear tal literatura aparentemente não traz muitas dificuldades, pois se une simplesmente os dois grupos. Existem, contudo, muitas diferenças no interior de cada um desses grupos, e que por sua vez passam despercebidas, prejudicando as formas de expressão de determinadas vozes.

O simples fato de se unir dois grupos com a intenção de formar uma unidade não significa que necessariamente se agregue, mas pode causar conflitos de diversas formas.

O Brasil, por ser formado por diversos grupos de imigrantes, a princípio deveria apresentar representações de diversas vozes que caracterizam as identidades desses grupos. Isso não significa, contudo, que necessariamente se tenha uma literatura produzida por autores pertencentes a um grupo sobre sua experiência no novo contexto ou sobre os contatos e as relações com a nova realidade, mas pode ocorrer a representação da imagem criada a partir da presença de um novo elemento, um ser alienígena, no meio antes dominado somente pelo nativo ou já fixado há mais tempo no local. Como exemplos de representações no novo meio, podem ser citadas, entre outras, as obras *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo; *Canaã*, de Graça Aranha; ou *A ferro e fogo*, de Josué Guimarães. Trata-se de três autores cujas obras estão localizadas na literatura brasileira, autores não-imigrantes, mas que inserem nas suas obras a representação de imigrantes, elementos novos na realidade brasileira.

Contudo, aí perguntamo-nos sobre as obras de Karl von Koseritz, Wilhelm Rotermond, Rudolf Damm e Maria Kahle. Trata-se de autores que chegaram ao Brasil no século XIX e aqui escreveram, publicaram e se tornaram conhecidos, sendo que suas obras já foram objeto de estudos acadêmicos e têm seu valor reconhecido. Mas de que literatura estamos falando aqui? Temos aí autores que refletiram e escrevem sobre o novo contexto, no qual eles passaram a viver. Cabe salientar, além disso, que os autores são imigrantes pertencentes ao contexto de fala alemã. O que se compreende atualmente por Alemanha, não existia politicamente à época da emigração. A Alemanha, assim como a maior parte dos estados europeus, vivia a sua formação de estado nacional no século XIX, fixando sua unidade nacional em 1871. A Alemanha, assim como muitos outros países europeus, ainda viverá redefinições (muitas delas impostas) de suas fronteiras geográficas devido aos muitos conflitos que se sucederão em solo europeu.

A imigração de alemães para o Brasil tem seu marco na segunda década do século XIX. São diversos os motivos que trazem europeus alemães para o Brasil, entre os quais podemos citar os principais: o estado de pobreza em que se encontram muitos agricultores e artesãos devido ao empobrecimento gerado pelas constantes batalhas que ocorrem em determinadas regiões da Alemanha (invasão e expulsão de tropas napoleônicas, Revolução de 1848, as Guerras da Prússia com a Dinamarca (1864), Prússia com a Áustria (1866) e a Guerra Franco-Prussiana (1870-71); também

perseguições políticas, principalmente as decorrentes da Revolução de 1848, podem ser citadas como causas; além disso, as notícias da nova terra, enviadas pelos emigrados, produzem fatores de atração (*pull-factor*) nos conterrâneos em semelhante estado de pobreza daqueles que já partiram e que necessitam de relatos sobre experiências para também tomarem a decisão de emigrar.

Também o Brasil tem interesse em receber imigrantes europeus. Como país recém-independente de Portugal, o governo brasileiro necessita de trabalhadores para a sua vasta área de terras, principalmente em áreas fronteiriças, onde os espanhóis oferecem perigo há anos. Além disso, a primeira década do século XIX marca os primeiros movimentos (também políticos) para a erradicação do tráfico de escravos africanos. No Brasil ocorrem ações em prol da abolição da escravatura, mas a maior pressão dá-se a partir de pressões externas, principalmente por parte da Inglaterra que, para reconhecer a independência do Brasil, exige que este cesse o transporte de escravos africanos. O fato de serem imigrantes alemães os primeiros a ingressarem no Brasil com apoio do governo imperial explica-se pelo país ter a necessidade de se precaver frente à entrada de espanhóis, devido às fronteiras com países da mesma origem, de holandeses, devido a invasões anteriores, de ingleses, devido aos contatos próximos destes com os portugueses, de franceses, devido a invasões anteriores e também devido às colônias já existentes na América do Sul. Dessa forma, a imigração de alemães surge como uma possibilidade positiva e isso é reforçado pelo fato de D. Pedro I ter se casado com Leopoldina, da casa dos Habsburgos. A própria princesa Leopoldina já trouxera para o Brasil uma comitiva de pesquisadores, entre eles os famosos botânicos e naturalistas Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868) e Johann Baptist von Spix (1781-1826).

É, portanto, a partir de 1824 que o Brasil receberá os primeiros imigrantes alemães no Brasil, mas isso ainda não será refletido em uma efetiva produção literária desse primeiro grupo. Destes, serão redigidos apenas relatórios, cartas, mas ainda não haverá espaço para a produção de uma literatura de cunho que pode ser considerado artístico.

Em 1847, o autor José Antônio do Vale Caldre e Fião (1824-1876) apresenta, na sua obra *A divina pastora*, a primeira família alemã no Rio Grande do Sul, Hendrichs, que se fixa em São Leopoldo (AQUINO, 2007, p. 73).

A partir de 1850, chegam imigrantes oriundos de classes mais favorecidas, ou seja, de famílias que haviam tido acesso a estudo e que, por isso, também não tiveram necessidade de deixar a sua terra exclusivamente para melhorarem a sua qualidade de vida. Esses emigrantes deixam a região de língua alemã por causa, principalmente, de perseguições políticas. Com a chegada desse novo grupo, o cenário da imigração de alemães no Brasil viveu uma fase de agitação político-cultural. Os imigrantes que chegavam haviam participado ativamente da Revolução de 1848 em que se tentava estabelecer uma unidade nacional alemã, mas com a frustração da mesma ou até mesmo por sofrerem perseguições políticas, muitos tiveram que abandonar a sua terra. A essa classe média, ou burguesia, que havia surgido em oposição à classe nobre feudal, contudo, ainda faltava força e coragem para dominar o Estado, sendo, desse modo, o ideário revolucionário abafado por mais algumas décadas, devido à incapacidade de se estruturar uma organização independente. Marx critica duramente o espírito revolucionário alemão desestruturado de 1848, chamando a revolução de “provincial-prussiana” e diz, no *Die Neue Rheinische Zeitung*, de Köln, no número 169, de 15 de dezembro de 1848, que

a burguesia alemã tinha se desenvolvido com tanta indolência, covardia e lentidão que, no momento em que se ergueu ameaçadora em face do feudalismo e do absolutismo, percebeu diante dela o proletariado ameaçador [e] (...) sem fé em si mesma, sem fé no povo, rosnando para os de cima, tremendo diante dos de baixo, egoísta em relação aos dois lados e consciente de seu egoísmo, revolucionária contra os conservadores, conservadora contra os revolucionários [, permaneceu fraca, sem reação] (MARX, 1989, p. 43)²

Muitos revolucionários venderam sua força de trabalho como soldados, mercenários, emigrando para os Estados Unidos e para a América do Sul e, chegando ao Brasil, foram deslocados para enfrentar o ditador argentino Rosas.

Esses mercenários tornam-se figuras tão emblemáticas no contexto imigratório brasileiro, que acabam por receber um rótulo que marcará o grupo: eles serão chamados de *Brummer*, um conceito que permanecerá na história da imigração alemã no Brasil. Quanto à definição de *Brummer*, significa “o que causa barulho, zunido” (KREUTZ, L. 1991, p. 22), pelo fato de esses alemães serem resmungões e questionarem o que se lhes

² Trata-se de artigos publicados pelo autor no referido jornal, traduzidos por J. Chasin, M. Dolores Prades e Márcia V. M. de Aguiar e publicados pela Editora Ensaio.

oferecia. Ou, então, se chamam os mercenários de *Brummer* pelo barulho que faz na mesa o patacão pelo qual trabalham.

Depois de atuarem nos campos de batalha, muitos dos *Brummer* optaram por permanecer no Brasil e tentaram iniciar uma atividade profissional, sendo uma característica desses atores politizados a atuação no meio editorial. É nesse período que o contexto imigratório alemão no Brasil vive o surgimento de casas editoriais e presencia-se o empenho ativo de muitos deles, sendo o mais conhecido, até no cenário nacional, Karl von Koseritz (ver NEUMANN, 2000, p. 48s.).

Em 1852, surgiu o primeiro jornal direcionado para as comunidades alemãs no Brasil, denominado *Der Colonist* [O Colono]. Foi editado pelo diretor do diário *O Mercantil*, por sinal um homem de origem não-alemã, José Cândido Gomes. O primeiro jornal não circulou por muito tempo; durou menos de um ano. Os assuntos publicados tratavam de comércio, indústria e agricultura, além da tradução das leis mais importantes do Império, com o intuito de ampliar o conhecimento dos colonos (ver FAUSEL, 1956, p. 225).

O segundo jornal, *Der deutsche Einwanderer* [O imigrante alemão], já existia no Rio de Janeiro, mas, por motivos financeiros, Dr. Kiekbach transferiu-o para Porto Alegre, em 1854, sendo então adquirido por Theobaldo Jaeger, e tendo como redator-chefe Carl Jansen, um *Brummer*. Sua existência também não foi muito longa, encerrando suas atividades em 1861. Mas no mesmo ano, suas instalações foram compradas por um grupo de comerciantes, dentre os quais ex-integrantes da Legião Alemã, ou seja, por *Brummer*. Dessa iniciativa resultou o primeiro jornal de cunho alemão no Brasil que desenvolveu um longo e importante trabalho, o *Deutsche Zeitung* [Jornal Alemão], que existiu até 1917. Importantes redatores passaram pelo jornal, entre eles Karl von Koseritz. O jornal caracterizou-se pela sua tendência liberal e anticlerical.

A partir desse momento, intensificou-se a atividade jornalística teuto-brasileira, surgindo outros jornais também fora da capital do Rio Grande do Sul. Em São Leopoldo, município com maior concentração de imigrantes, foi fundado o *Der Bote. Ämtliches Blatt für St. Leopoldo und die Colonien* [O Mensageiro. Folha oficial para São Leopoldo e as Colônias], no ano de 1867, por Julius Curtius. Este jornal também era de tendência anticlerical, mas opunha-se ao *Deutsche Zeitung*, devido a questões referentes à colonização.

É importante salientar, contudo, que não existe uma realidade harmônica nesse novo contexto de agitação político-cultural criada a partir, principalmente, da chegada dos *Brummer*. Por esse grupo ser formado basicamente por liberais e, portanto, contrários ao tradicionalismo religioso, tanto católico como protestante luterano, cria-se um movimento anti-*Brummer* que atuará fortemente no meio editorial. Dessa forma, a igreja católica e a protestante farão frente aos ideais liberais e o ganhador, se assim se pode definir o leitor-imigrante e descendente desse contexto do século XIX, será o cenário político-cultural da imigração alemã no Brasil.

Estamos falando de um período de intensa produção. Nesse período ocorre a produção de uma literatura escrita em solo brasileiro, por imigrantes alemães e descendentes que têm a intenção de relatar e escrever para as pessoas do seu meio. No editorial do suplemento literário *Unterm südlichen Kreuz* [Sob o Cruzeiro do Sul], de 1899, do *Deutsche Post*, lê-se a primeira grande preocupação em relação à publicação de textos de cunho literário produzidos sob outro céu, em outra realidade e, principalmente, ao fato de que essa produção também devesse estar acessível aos que a quisessem ler. Segundo Rotermund, a produção já existia, mas não havia como publicá-la até então, como se pode ler no editorial do primeiro número:

Passamos aqui pela encantadora natureza e, por fim, nós mesmos ficamos encantados. Tivéssemos nós alguém que abrisse os nossos olhos para as inúmeras belezas e no-las esclarecesse! Não é correto que se nos guiem sempre sob a Ursa Maior do céu do Norte, quando habitamos sob o Cruzeiro do Sul, e festejemos Natal em neve e gelo, quando mal sabemos conviver com o calor [...]. Seria bom e certamente também útil se tivéssemos uma série de retratos sérios e alegres das pessoas e da terra, sob a qual o Cruzeiro do Sul faz a sua trajetória silenciosa. Muitos, isto eu sei, já fizeram tal estudo, mas deixaram-no descansar na pasta, porque, segundo eles, não havia emprego para este tipo de esboço.³

E Giralda Seyferth complementa, no seu texto “A idéia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade”:

³ Publicado no Editorial do suplemento “Unterm südlichen Kreuz” do dia 4 de janeiro de 1899. “Wir gehen hier durch die zauberhafte Natur zuletzt selber verzaubert hindurch. Hätten wir doch nur jemanden, der unsere Augen öffnete für die vielen Schönheiten und sie uns erklärte! Es ist doch nicht recht, dass man uns immer dem Grossen Bären des nordischen Himmels führt, wo wir unter dem südlichen Kreuz wohnen [...]. Schön wär’s schon und auch gewiß nützlich, wenn man in einer Reihe ernster und heiterer Bilder das Land, über welchem das Kreuz des Südens seine stillen Kreize zieht, und auch die Menschen darin abkonterfeien würde. Mancher, das weiß ich, hat schon solche Zeichenstudien gemacht, aber sie in der Mappe ruhen lassen, weil er für derartige Skizzen keine Verwendung hatte.” As traduções dos originais alemães são de nossa autoria.

Em todas essas publicações havia espaço para obras de ficção e, principalmente, poesia, produzidas por autores teuto-brasileiros e, muito eventualmente, para traduções de obras poéticas de autores brasileiros. Poucos autores publicaram seus textos ficcionais na Alemanha, e aqueles que tiveram essa abertura editorial eram mais conhecidos por seus relatos de viagem ou por trabalhos dedicados à história da colonização (SEYFERTH, 2004, p. 159).

Trata-se, portanto, de uma literatura produzida por um grupo distinto, escrita com um fim específico, o que não restringe o objetivo da arte pela arte, e escrita em língua alemã (e também em português, com o passar do tempo).

Segundo Marion Fleischer, que procura definir a literatura aqui em questão, mas acaba por se fixar mais nos objetivos da mesma,

essa literatura propunha-se contribuir para a conservação da língua e das tradições alemãs, e paralelamente desejava, através de seus representantes, assumir a tarefa de veicular em terras brasileiras o patrimônio cultural de que se acreditava preceptora. Em consonância com tal meta, procurou-se despertar no imigrante e em seus descendentes um ‘sentimento nacional’, no qual se fundiam amor à terra e dedicação à nova pátria. Encontram-se aqui as raízes da laceração emocional que se externa em tantos textos da literatura teuro-brasileira (FLEISCHER, 1981, P. 26-27).

No Brasil, tomando essa produção literária como uma forma de expressão cultural elaborada autonomamente por um grupo de imigrantes, parece ter sido a única, principalmente se for observada a quantidade produzida. Mas também a qualidade dessa literatura não fica aquém da literatura publicada em periódicos no período na Europa e no Brasil. Do maior grupo de imigrantes europeus que entra no Brasil, dos italianos, não se tem muitos registros de uma produção literária em língua italiana que tenha sido publicada ao longo de anos por imigrantes e descendentes. Já de estudos da imigração japonesa há dados sobre a sua produção literária no Brasil, como se pode ver na página da Fundação Japão: “Sobre literatura japonesa preparamos uma lista de livros traduzidos para o português e depois tratamos sobre a ‘literatura nipo-brasileira’, ou seja, a produção literária em japonês publicada pelos grupos de imigrantes japoneses residentes no Brasil.”⁴ Isso, para citarmos somente dois grupos representativos – o italiano e o japonês -, sem termos falado da imigração de árabes, de espanhóis e de imigrantes do leste europeu etc.

⁴ Ver http://www.fjisp.org.br/guia/cap09_f.htm. Acesso em 04 de outubro de 2010.

Poderíamos refletir sobre a pluralidade da produção literária das diversas representações imigrantes no Brasil, o que certamente traria muitos dados novos que viriam a enriquecer o panorama literário de nosso país. Isso, contudo, significaria uma dedicação muito maior e uma busca mais pormenorizada das variedades culturais de cada grupo. Cremos que este é um importante trabalho que ainda está por ser realizado.

Ater-no-emos a seguir especificamente a produção de imigrantes de língua alemã e seus descendentes, o que já resulta em um amplo leque de representações. Afinal, estamos falando de uma literatura muitas vezes ligada por um hífen: literatura teuto-brasileira, termo usado, entre muitos outros, por Seyferth, que por sua vez cita Emílio Willems para complementar a aplicação do termo:

Emílio Willems recorreu à noção de "cultura híbrida" para afirmar a especificidade cultural *teuto-brasileira*, numa tentativa de superar certos limites dos conceitos de assimilação e aculturação então vigentes nas análises de processos migratórios. O hibridismo cultural contém o pressuposto da duplicidade resultante do contato dos imigrantes e seus descendentes com o meio ambiente, a sociedade e a cultura brasileiras, expressado pelo uso analítico da categoria teuto-brasileiro (*Deutschbrasilianer* ou *Deutschbrasilianisch*) (SEYFERTH, 2004, p.150. Grifos nossos).

Como já tocamos no assunto acima, o hífen pode agregar, mas também pode ser o marcador de uma marginalização, uma exclusão dos dois grupos unidos pelo hífen. Nesse caso, também é importante citar os estudos do alemão Ottmar Ette, que analisa a produção literária que não consegue ser definida espacialmente e esta muitas vezes é classificada com o já citado hífen. Segundo o autor, a literatura e a ciência repousam sobre um imenso número de deslocamentos e, por isso, mais raramente são percebidas e refletidas (ETTE, 2001, p. 21).

No caso do imigrante alemão no Brasil, basicamente um tipo rural, apresenta-se aí um caso de "homem marginal" (SEYFERTH, 2004, 150), que inicialmente vive praticamente "recluso" na sua língua em regiões para ele previstas, regiões de vales que deveriam ser ocupadas por ele para que nessas áreas de produção, em lavouras de pequeno porte, ocorresse o desenvolvimento e a progressiva expulsão dos índios. Da mesma forma, Fleischer afirma que os grupos de imigrantes que se fixaram no Brasil "caracterizaram-se pelo isolamento cultural, e suas causas foram atribuídas ora ao problema da diferença de idiomas e costumes, ora às grandes distâncias que separavam as colônias entre si e dos centros urbanos" (FLEISCHER, 1981, p. 25). Da mesma

forma como o imigrante é considerado um homem marginal, que vive entre dois mundos, a literatura “tem sido considerada de baixa qualidade formal e destinada a um público apenas alfabetizado, não erudito, e demonstrativa da ‘ambivalência’, ‘dualidade’ e particularismo dos descendentes de imigrantes (Ver SEYFERTH, 2004; KUDER, 1936/37; HUBER, 1993, 2002, 2003).

Contudo, apesar de ser um tipo recluso no seu contexto, temos aí um homem que transita entre dois mundos e duas línguas, e que se encontra em um processo de construção identitária híbrida, a junção de duas realidades, o que se pode identificar em alguns poemas, dos quais citamos aqui apenas títulos, já bastante representativos: de Carlos H. Hunsche: *Heimat Brasilien* [Pátria Brasil]; de Rudolf Hirschfeld: *São Paulo*; de Dora Hamann: *Brasília*; de Kalr Fouquet: *Der Einwanderer* [O imigrante].⁵

Os escritores citados anteriormente e que integraram o grupo de produtores da literatura chamada teuto-brasileira podem ser classificados como de *status* mais elevado, por pertencerem às famílias que ascenderam socialmente e interagirem (ainda que, em alguns casos, temporariamente) nos salões particulares e associações. Seus escritos são versões simbólicas da estruturação da "comunidade étnica" num formato teuto-brasileiro (SEYFERTH, 2004, 150ss.), o conteúdo cultural da etnicidade figurando como marcador identitário da fronteira com a sociedade nacional. Esses símbolos, no entanto, necessitam de constantes reinterpretações e recriações pelo fato de se processar a assimilação e a adaptação desse elemento que está ingressando no novo meio. Nesse caso, há uma junção do passado, do presente e do futuro para permitir que se efetue uma continuidade transcendente da nação. Stuart Hall vê a nação como “uma comunidade simbólica e é isto que explica seu ‘poder de gerar um senso de identidade e fidelidade’” (HALL, p. 2009, p. 54).⁶ Nesse sentido, a literatura não deve ser pensada apenas pela lógica da ambivalência (o indivíduo entre duas culturas), como ocorre frequentemente.

A partir disso, elencamos mais uma questão pertinente: onde se localiza essa literatura produzida por imigrantes alemães no Brasil em língua alemã? Em outras palavras, na Alemanha são raros os estudiosos da literatura que defendem a inclusão de uma literatura ficcional publicada fora da Alemanha, mesmo que em língua alemã, mas que tematize o contexto circunstancial em que estão inseridos os produtores da mesma.

⁵ Esses poemas são extraídos do livro de Marion Fleischer.

⁶ Em relação ao caso específico das comunidades alemãs no Brasil, ver NEUMANN, 2000.

A referência que talvez possa ser denominada de mais importante e que defende a inclusão da literatura produzida fora da Alemanha é a obra *Deutsche Minderheitenliteraturen* [Literatura de Minorias Alemãs], de Alexander Ritter. O autor usa o conceito *auslandsdeutsche Literatur außerhalb der Grenzen Europas* [literatura estrangeira fora das fronteiras da Europa], o que notadamente poderia ser um ponto favorável à inclusão da literatura teuto-brasileira na literatura alemã. A germanista argentina Claudia Garnica de Bertona (2005) analisa a literatura teuto-argentina (conceito que não é usado na literatura irmã do nosso vizinho) com base na obra de Ritter. Contudo, a obra de Ritter não é ponto comum na história da literatura alemã e acreditamos que a literatura dos imigrantes alemães e seus descendentes aqui produzida e publicada não chega a ser observada no contexto literário alemão e geralmente nem se tem conhecimento dela. Por outro lado, a literatura brasileira não a reconhece como literatura brasileira por se tratar de uma produção em língua alemã, apesar de a temática geralmente girar em torno do contexto brasileiro em que estão inseridos os imigrantes. É interessante observar que, como já afirmamos acima, os escritores são oriundos de famílias mais favorecidas, tendo tido acesso à escola e muitas vezes até ao estudo superior. Ainda assim as personagens principais e o *locus* dessa produção giram em torno da natureza e do colono inserido nesse contexto, sendo que praticamente não há descrições de cenários que poderiam ser chamados de urbanos, como, por exemplo, Blumenau ou São Leopoldo.

A literatura, portanto, não é amplamente assumida pela literatura alemã e na brasileira isso não entra em questão. Pergunta-se, então, se isso é possível, pois em questão está a representação literária de um grupo híbrido, de um grupo que, usando o conceito de Stuart Hall, está na diáspora (HALL, 2009), como o exemplo dos jamaicanos na Inglaterra – o que absolutamente não é comparável ao caso dos alemães no Brasil –, e que busca se estabelecer no novo contexto. A pessoa no novo contexto está diretamente em contato com tudo que o seu meio lhe oferece. Na verdade, ela é o novo elemento em um dado contexto estabelecido, o que por sua vez também não existe, pois a transitoriedade é comum na vida.

A pergunta que podemos nos fazer a partir dessas reflexões é se de fato é preciso definir essa literatura e como isso poderia ser realizado com menos prejuízo. Já existem definições, mas que nem sempre satisfazem às necessidades, visto que a literatura permanece marginal e ignorada. Por outro lado, não se quer deslocar essa literatura a um

centro das atenções. Voltando ao questionamento colocado acima, a meu ver estamos lidando com uma literatura híbrida que, apesar de ser escrita em língua alemã, como costuma ser classificada, ela já apresenta diversos elementos da língua local, de português, como podemos ver a seguir: “Wie einer durch einen *Cipo* festgehalten wurde” [A história do homem que foi pego pelo cipó], de Wilhelm Rotermund, publicado em 1882, no *Kalender für dei Deutschen in Brasilien*. Assim como neste caso, há diversos exemplos de inserção de elementos do novo meio em que se encontra o escritor. Isso ocorre na lírica, mas pode ser constatado com maior intensidade na prosa, pois a necessidade de vocabulário relacionado ao meio é maior, além disso, através de diálogos as personagens se expressam da maneira como o fazem os imigrantes, representados e também leitores dessa literatura. É também por isso que Rotermund – imigrante falante de língua alemã, com doutorado em filosofia e atuante como pastor protestante no Brasil – abdica da literatura em alemão padrão e busca uma aproximação da língua híbrida que de fato se pratica no contexto imigratório. Dessa forma, a literatura produzida neste contexto e escrita para os imigrantes realmente fica incompreensível, ou pelo menos de difícil compreensão, para um possível leitor alemão. Da mesma forma, para um leitor brasileiro não falante de alemão a literatura em questão fica igualmente de difícil compreensão. O fato de existirem termos e expressões em português ou então nomes de pessoas incomuns ao contexto alemão não impede que o texto possa ser lido por um alemão. A sua compreensão, de qualquer modo, será maior que a de um leitor brasileiro.

Conclusões

Ao final deste ano de discussões mais intensas em torno do tema aqui em questão, chega-se à conclusão que se andou pouco, pois continua difícil elaborar uma definição em torno da literatura desse grupo imigrante. Apoiando-nos em outras obras de Ottmar Ette, *Zwischenweltschreiben. Literaturen ohne festen Wohnsitz* [Escreverentremundos. Literaturas sem local definido] e *Überlebenwissen. Die Aufgabe der Philologie* [Sabersobreviver. A função da filologia], concluímos que essa literatura não precisa necessariamente ser definida, mas trabalhada, pois, segundo Ette, a função da literatura – assim como da filologia – é tornar audível o que há muito se acreditava perdido (ETTE, 2005, p. 59). E arrisco dizer mais, tomando aqui especificamente a literatura dos imigrantes alemães, tornar audível e re-conhecida essa literatura que está

presa dentro de arquivos. Trata-se de uma literatura que pode ser classificada como literatura marginal, ou então de uma literatura que nem é classificada, o que é pior, pois significa que não existe. Existem estudos, como alguns dos citados e ainda outros, contudo pensou-se aqui refletir esse conjunto que compõe a literatura de expressão alemã no Brasil ou então a literatura teuto-brasileira, ou ainda a literatura dos imigrantes alemães no Brasil para tentar definir um local, onde ela pudesse ser pensada. Chega-se, contudo, a uma conclusão, não definitiva: a de que se tome essa literatura como uma unidade não formada por elementos de duas ou até mais culturas, mas como uma unidade que se hibridiza e cria uma identidade única que não traz em si as definições de alemã e brasileira.

Cabe salientar ainda um elemento importante nesse contexto: a língua. Os autores escrevem e publicam os seus textos em língua alemã e com o passar do tempo inserem palavras da língua brasileira. Como se trata de uma literatura produzida por imigrantes e publicada para um determinado grupo de leitores, ela geralmente tematiza a realidade do contexto imigratório no qual eles se encontram. Se essa literatura fosse redigida na língua local, ela passaria a ser literatura brasileira? A língua desempenha, portanto, um fator de grande importância neste contexto e poderia até mudar uma definição?

Fecha-se a presente reflexão com questões que ainda não têm uma resposta definitiva, o que nos leva a mais estudos sobre o assunto, que não é um caso isolado, mas se faz presente em muitas outras partes do mundo onde se encontram mais culturas.

Referências

AQUINO, Ivânia C. *A representação do imigrante alemão no romance sul-riograndense: A divina pastora, Frida Meyer, Um rio imita o Reno, O tempo e o vento e A ferro e fogo*. 2007. Tese (doutorado em literatura) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

GARNICA DE BERTONA, Claudia. *Auslandsdeutsche Literatur in Argentinien*. In: *Akten des XI. Internationalen Germanistenkongresses Paris 2005 ...*, Band 6. Jean-Marie Valentin, Jean-François Candoni (Org.). Internationale Vereinigung für Germanische Sprach- und Literaturwissenschaft, 2005, p. 95-103.

ETTE, Ottmar. *Literatur in Bewegung. Raum und Dynamik grenzüberschreitenden Schreibens in Europa und Amerika*. Göttingen: Verbrück Wissenschaft, 2001.

_____. *ZwischenWeltenSchreiben. Literaturen ohne festen Wohnsitz*. Berlin: Kadmos, 2005.

_____. *Übe Lebenswissen. Die Aufgabe der Philologie*. Berlin: Kadmos, 2004.

FAUSEL, Erich. Literatura Rio-Grandense em língua alemã. In: *Enciclopédia Rio-Grandense. Vol II - O Rio Grande Antigo*. Canoas: Ed. Regional, 1956, p. 222-239.

FLEISCHER, Marion. Elos e Anelos da Literatura em Língua Alemã no Brasil. São Paulo: Ed USP, 1981.

HALL, Stuart. Da diáspora. Identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik; Trad. Adelaine La Guardia Resende, Belo Horizonte: UFMG, 2009.

HUBER, Valburga. *Saudade e esperança*. Blumenau: Ed. FURB, 1993.

_____. Natureza na literatura teuto-brasileira: paraíso natural x paraíso construído. *Blumenau em Cadernos*, v. 43, n. 11/12, p. 34-43, 2002.

_____. "O sentimento patriótico na literatura teuto-brasileira". In: *Blumenau em Cadernos*, v. 44, n. 1/2, p. 52-60, 2003.

KREUTZ, Lúcio. *O professor paroquial - magistério e imigração alemã*. Porto Alegre: UFRGS; Caxias do Sul: EDUCS; Florianópolis: UFSC, 1991.

KUDER, Manfred. Die deutschbrasilianische Literatur and das Bodenständigkeitsegefühl der deutschen Volksgruppe in Brasilien. *Ibero Amerikanisches Archiv*, v. 10, n. 4, p. 394-494, 1936/37.

NEUMANN, Gerson R. *A Muttersprache (língua materna) na obra de Wilhelm Rotermund e Balduíno Rambo e a construção de uma identidade cultural híbrida no Brasil*. Dissertação de Mestrado. UFRJ, 2000.

ROTERMUND, Wilhelm. "Unterm südlichen Kreuz" In: *Deutsche Post*, 4 de janeiro de 1899. São Leopoldo: Editora Rotermund.

SEYFERTH, Giralda. "A idéia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade." In: *Horizontes Antropológicos*. vol.10 no.22 Porto Alegre July/Dec. 2004.